

CORPO E CABELO NEGRO: APONTAMENTOS PRELIMINARES SOBRE AS (RE) SIGNIFICAÇÕES ELABORADAS POR CRIANÇAS DE 3 E 4 ANOS DE IDADE

Prof. Dr. Ademilson de Souza Soares¹

Prof^a Dr^a Tânia A. Ambrizi Gebara²

Mestranda Elândia dos Santos³

Resumo:

Este trabalho refere-se a uma pesquisa de mestrado em andamento, pertencente ao Programa de Pós-graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação da UFMG, linha de pesquisa Infância e Educação Infantil. Pretende-se compreender como as crianças de 3 e 4 anos de idade (re) significam o corpo e o cabelo negro nas interações que estabelecem em uma Instituição de Educação Infantil de Belo Horizonte – MG. Ao refletir sobre a infância e as relações raciais, focaliza-se diferentes aspectos, tais como: o desenvolvimento das crianças, as interações e o Cuidar/Educar, como processos basilares deste recorte etário em que o cabelo e o corpo se situam como elementos fundamentais para o fortalecimento identitário dos sujeitos. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, estruturada pela escolha do campo a ser investigado e aproximação com o mesmo, foram utilizados instrumentos como a observação participante, diário de campo e filmagens. Buscou-se dialogar com autores que tematizam e aprofundam as discussões no campo das Infâncias e Educação Infantil, Relações Étnico-Raciais e Interações tais como: Campos (2009), Kramer (2015), Cerizara (1999), Silva (2016); Gouveia e Sarmiento (2008); Rosemberg (2012), Gomes (2002); Cashmore (2000); Zanten (2008), dentre outros. É possível tecer alguns apontamentos preliminares, dentre eles destacam-se: as relações estabelecidas pelas crianças e sua estética, cabelos e corpos, assim como as experiências que vivenciam com seus pares. Espera-se contribuir com os campos da Educação Infantil e das Relações Raciais.

Palavras-chaves: Infâncias; Criança; Relações Étnico-Raciais.

¹ Pós-doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Professor Associado da Faculdade de Educação da UFMG e Professor do Programa de Pós-Graduação na mesma instituição. Graduado em Filosofia pela PUC Minas com Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Professora pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil e Infância (NEPEI/UFMG).

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, linha de pesquisa Infância e Educação Infantil da UFMG, Especialista em Docência em Educação Infantil, e Professora da Rede Municipal de Belo Horizonte e Especialista em Educação Básica no Município de Sabará – MG.

INTRODUÇÃO

Este texto é a síntese de uma pesquisa de mestrado que buscou analisar questionamentos sobre o cabelo e o corpo negro, na interface com a primeira infância em uma escola municipal de educação infantil em Belo Horizonte Minas Gerais. Para tal abordagem, propomos a intersecção entre estes dois campos, da Educação Infantil e das Relações Raciais, motivadas a partir das observações sobre o desenvolvimento estético de crianças de 3 anos de idade. São questões que tem como desafio analisar: como este processo identitário ocorre com crianças ainda na tenra idade, e como percebê-las. E ainda, como as interações possibilitam tal compreensão estética?

Neste sentido, a pesquisa de mestrado que está em processo de desenvolvimento, procurará compreender como as crianças de 3 e 4 anos de idade (re)significam o corpo e cabelo negros nas relações que estabelecem em uma Instituição de Educação Infantil e por conseguinte como se estabelece entre elas a estética, os cabelos e os corpos negros como definidoras ou não em seu desenvolvimento identitário. Dentre os outros objetivos propostos pela pesquisa, buscamos mapear as interações que as crianças estabeleciam na Instituição de Educação Infantil, com foco nas Relações Étnico-Raciais e Identificar as significações das crianças sobre corpo e cabelo negros a partir de 3 eixos: criança/ criança, criança/adultos e criança/ materiais e analisar como se relacionam as crianças (brancas e negras) quanto ao pertencimento racial.

A escolha pela educação infantil e precisamente por crianças desta faixa etária, decorre por acreditarmos no número crescente de pesquisas que consideram as especificidades da infância, procurando ouvi-las, considerando-as não apenas como objetos a serem investigados, mas como participantes que têm muito a contribuir neste estudo. Entendemos que realizar pesquisas com crianças não é uma tarefa fácil, contudo, torna-se inspirador a possibilidade de contribuir para as pesquisas já existentes que buscam desvendar e colocar em destaque a infância e as crianças.

Entendemos que uma pesquisa que contribua significativamente para a discussão racial em âmbito da educação infantil, também visa combater o racismo estrutural e estruturante que permeia a sociedade brasileira, não fugindo as discussões, mas sim, levando-a para um espaço que para nós é muito valioso e significativo, ambiente em que o educar e o cuidado são instrumentos de diários permeados pelas relações sociais e raciais, sendo portanto, lugar revelador no processo de desenvolvimento das crianças, que oportunizam a formação identitária, social e intelectual destes pequenos sujeitos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, amplamente utilizada em estudos no campo da educação, segundo os autores Biklen e Bogdan (1994), “os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (p.16) e assim, compreensão das crianças pequenas em suas subjetividades.

Buscou-se utilizar as ferramentas que melhor atendiam ao campo, como a observação participante que possibilitou um olhar atento as crianças e suas práticas, suas conversas, brincadeiras e ideias, pois segundo Alves-Mazzotti (1999) “o pesquisador se torna parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação” (1999, p.167).

Utilizamos também as filmagens e fotografias, além do diário de campo que ampliaram este olhar, lançando mão destes equipamentos entendemos que apesar de apresentar limitações, juntos se tornam eficientes. Sobre as filmagens Filho (2011) afirma que as diversas pesquisas com crianças vêm recorrendo a este método, pois:

O emprego da filmagem nas pesquisas é uma maneira de obter dados o mais próximo possível ao movimento das crianças, pois a imagem filmada e a sua transcrição, simultaneamente, articulam entre si a possibilidade de captar, com maior expansão e expressão, aquilo que não é perceptível à primeira vista. (FILHO, 2011, p.99)

Ao iniciar a pesquisa empírica percebemos a necessidade da apreciação dos documentos da Instituição, considerando o Projeto Político Pedagógico e as pastas individuais das crianças, ambos contribuíram com dados acerca da escola, da comunidade e principalmente das crianças e suas famílias, tais como, a identificação racial realizada pelos pais ou responsáveis.

A pesquisa estrutura-se em 4 fases, sendo a primeira exploratória, onde buscou-se junto a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte - SMED/BH, os dados estatísticos sobre o pertencimento racial das crianças matriculadas no ano de 2018. Nestes dados foram apresentados a identificação racial das crianças, ou seja, identidade dada pelos pais, mães ou responsáveis, as regionais e as escolas municipais e as instituições de educação infantil, bem como o recorte etário e as denominações utilizadas segundo os órgãos oficiais para a denominação racial brasileira:

Gráfico distribuição do pertencimento racial das crianças de 0 à 6 anos

	Amarela	Branca	Indígena	Parda	Preta	Não declarou	Não preencheu
0 a 1 ano	1	299		573	86	4	
1 a 2 anos	6	1.143	1	1.651	282	35	
2 a 3 anos	9	2.849	1	4.032	577	54	
3 a 4 anos	16	4.014	2	6.287	874	58	
4 a 5 anos	20	4.660	1	7.708	1.167	48	
5 a 6 anos	15	3.470	6	6.217	926	48	1

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte-2018

Em posse dos dados foi possível fazer uma breve avaliação que possibilitou a indicação da Instituição a ser pesquisada com número considerável de crianças negras (pretas e pardas). Como outro critério de escolha levamos em conta a disposição da Escola em receber a pesquisa, bem como, a localização da Instituição, considerando os limites da pesquisadora, o tempo de deslocamento como critérios relevantes para a realização da pesquisa.

A aproximação com o campo foi a segunda fase da pesquisa, após a apresentação formal entre a pesquisadora e a direção, professores e pais/responsáveis, foi possível escolher dentre as quatro turmas de crianças na faixa etária de 3 a 4 anos de idade, aquela que receberia a pesquisa, assim, a aceitação pela professora e pelas crianças também foi considerado, além da análise das fichas individuais das crianças que dispunham sobre o pertencimento racial dado pela família da criança. Este dado levou-nos a uma turma com as características singulares, a seguir: 9 crianças brancas, 9 crianças pardas, 1 criança preta e 1 criança negra (conforme identificação dos pais em ficha de matrícula). A turma é composta por 10 meninas e 10 meninos.

A partir da imersão ao campo foi possível acompanhar as crianças em diversas atividades dentro da escola, esta terceira etapa configurou-se com a construção dos dados empíricos, por meio dos registros das conversas informais com as crianças, das filmagens e das fotografias, outros dados relevantes surgiram com a participação das professoras, pais e

responsáveis, por meio das conversas informais, bem como, a análise dos documentos da instituição como o Projeto Político Pedagógico e fichas individuais das crianças, que ajudaram traçar um diálogo consistente com os outros dados.

A quarta fase, será destinada a categorização dos dados desenvolvidos no campo, sistematização, análise e posterior escrita da dissertação.

DESENVOLVIMENTO

Neste sentido, estudar a intersecção entre os dois campos: da educação Infantil e das Relações Raciais, significa entender que ambas comungam de aspectos inerentes ao desenvolvimento das crianças em ambiente escolar, tais como as interações e o cuidar e educar, em que o cabelo e o corpo, são elementos basilares a identificação racial. Outro aspecto de relevância entre os campos, estão propostos por teóricos que ressignificaram os debates, contribuindo com a ampliação dos mesmos, (SANTANA, 2017; DORNELLES, 2010; CAVALLEIRO, 2000, ROSEMBERG, 2012; BENTO, ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2012), o que demonstra um campo em ampliação e propenso para novos debates.

Ao mesmo tempo pesquisas acadêmicas avançam buscando contribuir aos debates, são pesquisas que tematizam a formação de professores, as práticas que abordam a questão racial, as políticas públicas, (VANZUITA, 2013; CASTRO, 2015; DEMARZO, 2009; SILVA, 2015; TELES, 2010; SOUZA, 2012; SOUZA, 2016; ROSA, 2014, COSTA, 2013; MICELI, 2017, IVAZAKI; FERREIRA, 2018 e PEREIRA, 2015). Há aquelas que estudaram a literatura, as legislações, como a Lei 10.639/03 modificada pela Lei 11.645/08, currículos escolares e projetos políticos pedagógicos (COELHO, 2015; SANTOS, 2008; SANTOS, 2013; MORENO, 2015; FREITAS, 2014; FREITAS, 2016; LUZ, 201; OLIVEIRA, 2017), dentre outros temas relevantes.

Diante destas perspectivas distintas de olhares, destacamos algumas que propuseram de alguma maneira, abarcar em seus estudos a estética negra, cabelos e corpo, bem como as crianças, assim, portanto, procurando compreendê-las na interface com as relações raciais estabelecidas nas instituições de escolares (GAUDIO, 2013; AUGUSTO, 2017, NUNES, 2015, e FARIAS, 2016, PICOLLO, 2008, SILVA, 2017 e MENDES, 2016), outras localizaram o diálogo dentro da perspectiva das crianças da creche (BRAGA 2016; OLIVEIRA, 2015; GALVÃO, 2018; SANTIAGO, 2014; OLIVEIRA, 2004; CORRÊA, 2017), ou seja, crianças até 3 anos de idade.

Ressalvamos que embora as pesquisas nos apontem para alguns cenários ainda presentes em ambiente educacional, como o racismo, a discriminação e o preconceito, é preciso direcionar o olhar para os termos, conceitos e leis que norteiam os campos da Educação Infantil e das Relações Raciais. Nesta perspectiva, a compreensão das infâncias e das crianças, enquanto atores, agentes e sujeitos de direitos, também se configuram como categorias importantes a partir das análises dos teóricos, sejam dentro dos diferentes campos, sociologia da infância, psicologia da infância, antropologia da infância dentre outras. A análise das categorias que qualificam a temática racial, tais como raça, identidade racial, relações raciais, racismo, são de certa maneira conceitos fundantes para o estudo das Relações Raciais no contexto brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa observamos que as crianças, demonstravam por meio das interações, interesse em conhecer as diferenças raciais e de gênero, no convívio diário, que estabeleciam dentro daquela escola de educação infantil.

Alguns apontamentos foram percebidos por meio das observações, dos fragmentos do cotidiano das crianças, que se remetem ao fato das crianças buscarem o contato físico diário. Era por meio do toque que as crianças se percebiam, interagiam e aprendiam, conseqüentemente ampliavam a experiência por meio de suas diferenças, segundo Bondía (2011):

A experiência supõe, em primeiro lugar, um acontecimento ou, dito de outro modo, o passar de algo que não sou eu. E “algo que não sou eu” significa também algo que não depende de mim, que não é uma projeção de mim mesmo, que não é resultado de minhas palavras, nem de minhas ideias, nem de minhas representações, nem de meus sentimentos, nem de meus projetos, nem de minhas intenções, que não depende nem do meu saber, nem de meu poder, nem de minha vontade. “Que não sou eu” significa que é “outra coisa que eu”, outra coisa do que aquilo que eu digo, do que aquilo que eu sei, do que aquilo que eu sinto, do que aquilo que eu penso, do que eu antecipo, do que eu posso, do que eu quero. (BONDÍA,2011, p.05)

Os cabelos eram principal recurso utilizado pelas crianças para a experimentação diária, nem sempre acompanhado pelo diálogo, as vezes era apenas um gesto de carinho, que se repetia, a seguir um fragmento de uma cena entre duas meninas:

Hoje a professora de apoio recebeu as crianças, como acontece todos os dias, após guardarem as mochilas, levarem as agendas para a mesa da professora e o copo para a pia, escolhem onde e com quem vão sentar. As duas meninas (segundo identificação dos pais, as duas são pardas, contudo, os cabelos possuem texturas diferentes, um é ‘liso’ e outro “crespos” trançados com missangas. acariciam-se, brincam com os cabelos, eu me aproxima da mesa na tentativa de ouvi-las. As crianças ficam por alguns minutos, a menina de cabelos lisos brinca com as tranças da colega, esta por sua vez acaricia todo o cumprimento da outra.

Crianças cabelo lisos: olha seu cabelo (a criança pega uma das tranças da colega, leva de um lado para outro, solta e pega novamente)

Crianças cabelo lisos:

-olha!
-bem aqui, olha!
-bem aqui, olha!
-bem na bochecha!
-(Inaudível)

Professora começa com a contagem das crianças e pede que eles ajudem, para contar, diz que sem a ajuda deles não tem jeito, neste momento as crianças se movimentam, crianças cabelos trançados vai até a pia beber água, a outra permanece sentada. Depois ela retorna a mesa e começa novamente a acariciar os cabelos da criança que estava assentada sozinha, como se estivesse penteando, a criança demonstra não gostar da brincadeira, elas então conversam, (não foi possível ouvir), então as duas voltam-se a atividade proposta pela professora. (Diário de campo 28/05/2019)

Neste excerto é possível compreender que as diferentes texturas dos cabelos possibilitam um campo valioso de informações para as crianças que não passam pelo conhecimento formal oferecido pela instituição, as crianças estavam dispostas a experimentação, que ocorriam também com os adultos e os materiais ou artefatos culturais. Na segunda cena, a criança, menina negra (cabelos finos e levemente cacheados), interage com meu toque em seus cabelos:

Neste dia cheguei às 13:20, as crianças já estavam todas com a primeira atividade de identificação de letras iniciais dos nomes, após cumprimentá-los, fui colocar a mochila na estante junto das crianças e pegar o celular e a máquina, passei pela mesa onde estavam três meninas, ao passar atrás de uma delas, passei as mãos carinhosamente em sua cabeça, então a menina olhou para mim, e disse:

-Não pega

Pesquisadora: Não posso pegar no seu cabelo, por quê?

-Meu cabelo tá runho

Os cabelos estavam amarrados, como se fosse um coque, sem enfeites. A criança demonstrou algumas vezes gostar dos cabelos soltos, talvez por isso ela teria respondido desta maneira ao meu toque.

A segunda observação demonstra a concepção da criança do que seria “ruim”, ela demonstrou não estar à vontade com o toque, sua reação possibilita compreender a significação dada pelo cabelo pela criança, entendemos assim como Gomes (2003) que,

(...) A importância desses, sobretudo do cabelo, na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro, até mesmo para aquele que consegue algum tipo de ascensão social, está presente nos diversos espaços e relações nos quais os negros se socializam e se educam: a família, as amizades, as relações afetivo-sexuais, o trabalho e a escola. Para esse sujeito, o cabelo carrega uma forte marca identitária e, em algumas situações, é visto como marca de inferioridade (Gomes, 2002). (GOMES, 2003, p. 173)

Sabemos que apesar de estarem na tenra idade, aquelas crianças conseguem expressar mesmos por gestos, seus pressupostos sobre sua constituição racial, compreendemos que a ação da escola e da família são primordiais neste processo de formação identitária das crianças, sendo que as possíveis mediações, por parte dos adultos um importante divisor para a formação identitária positiva tanto das crianças negras quanto das crianças brancas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos, que as crianças negras ocupam lugar de destaque na educação, são atores do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, sendo, portanto, o estudo destas crianças e de sua relação com as demais crianças, importante para compreensão de sua relação com sua estética, na representação dos seus corpos e cabelos, e conseqüentemente, contribuem-se com debate sobre as crianças em ambiente educacional.

Compreendemos que as relações que se constroem no Brasil, estão sobre um contexto também histórico de preconceitos raciais não superadas, significando para as instituições de educação infantil, um desafio a mais para o trato das questões raciais, então cabe as instituições compreenderem o alcance que a demanda racial representa para a sua comunidade e buscar colaborar para que sejam superadas, sendo que ao iniciarem as interações, fios condutores importantes para as crianças pequenas, estas possam identificar-se por meio de representações que favoreçam o reconhecimento saudável, inclusive para que percebam as diferenças raciais positivamente. Consideravelmente, são aproximações que dependem tanto da observação atenta dos educadores quanto das famílias.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. OLIVEIRA, Fabiana. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida S. (Org.). **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: CEERT, 2012.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith, GEWANDSZAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

BENTO, Maria aparecida silva (org.). A Identidade Racial Em Crianças Pequenas. In: **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012.p. 98-114

BOGDAN, Robert e BILKEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONDIA, Jorge Lorrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19

BRAGA, Aline de Oliveira. **Solta o cabelo!: etnografia sobre o cabelo crespo como marcador de identidade étnico-racial entre crianças negras da educação infantil**. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tese de mestrado. 2016.

DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DEMARZO, Marisa Adriane Dulcini. **Educação das Relações Étnico-Raciais: Aprendizagens e experiências de professoras em São Carlos-SP.** Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal de São Carlos. Dissertação, 2009

DORNELLES, Leni Vieira. Corporeidade, "Tu não podes ser princesa": Corpos, Brinquedos e subjetividades. In: BRANDÃO, Paula. TRINDADE, Azoilda Loretto. **Modos de brincar : caderno de atividades, saberes e fazeres.** Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2010. A cor da cultura ; v.5. p.31-36.

CAMPOS, Maria Malta. **A Educação Infantil como direito.** In: BRASIL. Insumos para o debate 2 - Emenda Constitucional n.º 59/2009 e a Educação Infantil: impactos e perspectivas. São Paulo: Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2010. p.8-14.

CASHOMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais.** Tradução: Dinah Kleve. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Educar e Cuidar: Por Onde Anda a Educação Infantil.** Perspectiva: Petrópolis, v.17, n. Especial, p. 11 - 21, jul./dez. 1999. disponível em : <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10539/10082>

COELHO, Marcus Vinicius de Brito. **Educação e política pública: estudo da efetivação do projeto memória e identidade - promoção da igualdade na diversidade (mipid) em uma escola de educação infantil em campinas (SP).** Pontifícia Universidade Católica de Campos. Dissertação. 2015;

CORREIA, Lajara Janaina Lopes. **Um Estudo Sobre as Relações Raciais na Perspectiva das Crianças Pequenas.** Universidade Federal de São Carlos. Dissertação , 2017.

FREITAS, Priscila Cristina . **A educação das relações étnico-raciais na educação infantil.** Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, 2016.

FILHO, Altino José. PRADO, Dias Patrícia. (orgs.). **Das pesquisas com crianças à Complexidade da Infância.** /campinas, SP: Autores Associados. 2011

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** Tese de Doutorado em Antropologia Social, USP/FFLCH, 2002.

_____. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, DF: MEC/BID/UNESCO, 2005. p. 39-62.

GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. SARMENTO, Manuel.(orgs.). **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais.** Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

IVAZAKI, Ana Claudia Dias. **Capoeira da educação infantil: relações étnico-raciais na formação de professores.** Universidade Estadual da Paraíba. Dissertação. 2018.

KRAMER, Sônia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil.** Educação & Sociedade, vol.27, n.96- Especial, out. 2006. p.797-818.

MICELI, Paulina de Almeida Martins. **Negritude nas Práticas Pedagógicas da EEI UFRJ. Estudo das Relações Étnico-Raciais na Escola de Educação Infantil da UFRJ.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação. 2017

MORENO, Jenny Lorena Bohorquez. **Presença da infância negra nos livros de literatura infantil veiculados no Programa Nacional Biblioteca na Escola.** Universidade Federal do Rio Grande. Dissertação. NASCIMENTO, Maria Letícia. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social” Jens Qvortrup. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011

OLIVEIRA. Alessandra Guerra da Silva. **Educação das Relações Étnico-Raciais : Processos educativos Decorrentes do Brincar na Educação Infantil.** Dissertação 2015

PEREIRA, Erika Jennifer Honório. **“Tia, existe flor preta?”: educar para as relações étnico-raciais .** Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2015

PICCOLO, Gustavo Martins. **Educação infantil : análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos.** Dissertação Mestrado em Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

ROSEMBERG, Fúlvia. **“A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais”.** In: BENTO, Maria Aparecida S. (Org.). Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, 2012, pp. 11-46.

SANTANA, Patrícia Maria de. Energia Vital "Um abraço negro": afeto, cuidado e acolhimento na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Paula. TRINDADE, Azoilda Loretto. **Modos de brincar : caderno de atividades, saberes e fazeres.** Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2010. A cor da cultura ; v.5. p.31-36. p. 17-22.

SANTIAGO, Flávio. **"Meu cabelo é assim...Igualzinho da bruxa, todo armado." Hierarquização e Racialização das Crianças Pequeninhas Negras da Educação Infantil.** Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Tese de mestrado. Campinas/SP, 2014.

SANTOS, Maricélia dos. **Estética Negra: Um estudo contemporâneo sobre o cabelo da mulher negra na Serra do Cajueiro – Floriania RN:** 2008

SANTOS. Gilmara Aparecida Guedes dos. **Personagens negros, protagonistas nos livros da educação infantil: estudo do acervo de uma escola de educação infantil do município de São Paulo.** Universidade de São Paulo. Dissertação . 2013

SILVA, Isabel de Oliveira e. **“A educação infantil no Brasil”.** Pensar a Educação em Revista, v. 2, pp. 3-33, 2016.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: Uma nova perspectiva sociológica.** Tradução: CALLADO, Ana A. MARQUES, Nadjeda R. OLSEN, Camila. Editora Relume Dumará. Rio de Janeiro. 2003

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil.** Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

ZANTEN, Agnès Van (org.). **Dicionário de Educação.** Editora: Vozes.